

EDUARDO F. COUTINHO NOS MEANDROS REFLEXIVOS DA LITERATURA COMPARADA

Dalma NASCIMENTO¹

Professor titular de Literatura Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador 1 A do CNPq, Eduardo F. Coutinho reassume mais uma vez a cena cultural brasileira com um trabalho teórico e analítico no novo livro *Literatura Comparada – reflexões* (São Paulo: Annablume, 2013). O título já acena para questionamentos relativos à área, dando prosseguimento à obra anterior *Literatura Comparada na América Latina, ensaios*. Os textos de agora, embora mantenham criativas conexões com temas que lhe são caros, apresentam, em nove capítulos ensaísticos bem urdidos, outras questões sobre os fenômenos literários ligados a uma disciplina nem sempre fácil de delimitar suas flutuantes demarcações.

Entretanto, apesar da amplitude das margens escorregadias da Literatura Comparada nas frequentes interações com literaturas afins e outras esferas do conhecimento, Eduardo F. Coutinho assume com segurança e tenacidade o repto. E diante de tal desafio, dirime polêmicas e clarifica conceitos, ainda que intrincados, em linguagem escorreita, didática, metódica, além de transparente até para os neófitos no assunto. Escritas com densa leveza, a despeito da dicção sempre questionadora, suas asserções verticalizam e esclarecem pontos axiais da sua complexa área, que, por sua abrangência, é dotada, de "transversalidade, seja em relação às fronteiras entre nações e idiomas, seja no que concerne aos limites entre áreas de conhecimento".

Ao mesmo tempo todos os capítulos atestam a extensa e atualizada pesquisa bibliográfica, de âmbito internacional e nacional, constantemente citada em interlocução com seu texto. Múltiplos são, pois, os avatares do comparativismo mundial convocados à dinâmica das reflexões, e o autor estabelece com eles verdadeira *philia* dialógica, aquela amizade interativa e criadora entre pensadores, ao desvelarem insuspeitados caminhos. Servindo-se sempre do método comparativo, a todo momento nos nove ensaios do livro, Coutinho discute ideias apriorísticas do passado, contrapõem-nas às

¹ Doutora em Literatura Comparada e Teoria Literária(UFRJ),professora da UFRJ. Pesquisa:Memória, Mito, Utopia, Idade Média, Feminino. Publicações em *Passages de Paris* (nº 6 e nº 7). Livros recentes: *Antígonas da Modernidade (Performances femininas na vida real e na ficção literária)*, 2013, e *Mitos e Utopias dos teares literários às páginas dos periódicos*, 2014, ambos pelas Edições Tempo Brasileiro.

posições do presente, partindo sempre de pressupostos básicos que transitam da emergência e configuração da disciplina às tendências atuais.

No primeiro capítulo, intitulado "Literatura Comparada: reflexões sobre uma disciplina acadêmica", ele inicia os debates, traçando a panorâmica da evolução histórica e conceitual desse campo teórico que mais a mais se projeta e se entrelaça aos horizontes culturais nas últimas décadas. Examina aí o pensamento de vários críticos, dentre eles, Guyard, Pichois e Rouseau, Van Tieghen, François Jost, Aldridge, Remark, Tânia Carvalhal, Edward Said e tantos mais. Entrecruzando-os com suas ideias, reafirma, contudo, seu abalizado parecer dialetizante diante das controvérsias por que passou e vem passando esse ramo dos estudos literários. Tangencia ou mesmo detalha determinados conceitos, que, não raro, vão ressurgir com novos aportes nos ensaios seguintes.

Em extraordinário retrospecto, ressaltam-se já nesse início pontos centrais da moderna literatura, quando, por exemplo, alude à intertextualidade, aos gêneros mistos, às inter-relações da sua especialidade com os discursos da Teoria, da Crítica, da Historiografia literárias, aos cânones estéticos, às práticas estilísticas, aos intercâmbios com outras formas de expressão artística, graças à transversalidade da Literatura Comparada. Numa epistemologia de confluências, cita as fecundas imbricações entre Literatura e Música, Artes Plásticas, Cinema, Dança, e entre outros âmbitos do conhecimento: Filosofia, História, Psicologia, Antropologia, Sociologia, Política, Direito, Biografia Ficcionalizada, Estética da Recepção etc. Analisa também a problemática dos temas e modelos que adquiriram foros de universalidade, problematiza-os, e na perspectiva relativista, mostra a inadequação dos famosos binarismos, das fontes e influências, realçando sempre a atual magnitude da disciplina a espriar seus liames e limites nas construções dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais. Ainda que tenha por âncora a Literatura Comparada e, por timão, sempre o fato literário, o ensaio navega por novas paragens no trânsito e viagens por temas e conceitos de outras procedências, enriquecendo o quadro teórico da área com suas ilações.

No segundo capítulo "Revisitando o pós-moderno" em que pese na crítica ocidental o assunto pareça já superado – como diz o texto –, no entanto, "ele continua na ordem do dia". Centra-se nessa polêmica, sendo, porém, ela resolvida por Coutinho num longo estudo analítico com atualíssimo embasamento de autores ingleses e norte-americanos, além de escritores nacionais. É uma leitura imprescindível para os estudos literários nesta época de tantas rupturas, já que o crítico brasileiro abarca, com segura exegese, as complexas controvérsias entre "pós modernidade" e Pós-Modernismo". Estende, também, o assunto a acontecimentos culturais correlatos, a exemplo dos movimentos contestadores que sacudiram os anos 60, 70, 80 do século findo e suas repercussões sociopolíticas no fato literário.

Consciente de que "a literatura não é um bólido perdido no espaço" – segundo expressão do eminente teórico Afrânio Coutinho –, o professor Eduardo também demonstra que ela se faz no solo da História coparticipando da dinâmica do mundo, das movências culturais, do vir a ser das coisas em metamorfoses interativas. Daí surgirem neste livro três abalizados artigos em torno do caldeirão de forças emergentes da América Latina e seus reflexos nas diretrizes teóricas e estéticas das mutações na Literatura Comparada. Esta é, aliás, uma das discussões candentes das aulas na pós-graduação da UFRJ do autor, resultado da sua íntima e longa convivência com os contatos intercambiantes entre os produtos literários e os da cultura latino-americana.

Tais investigações se expandiram no livro com inovadoras exegeses em três ensaios: "América Latina: o móvel e o plural", "Transferências e trocas culturais na América Latina" e "Cartografias literárias na América Latina: algumas reflexões". Apesar de a tríade ter por fundamento o mesmo vetor – ou seja, em linhas gerais, a mobilidade transformadora do local de enunciação e o caráter dúctil e pluralizante dos problemas socioculturais agregados ao fenômeno latino-americano literário –, todavia, cada um dos capítulos aprofunda um aspecto específico dessa discussão. Operando sempre com diversificadas perspectivas, Coutinho polemiza o tema, e uma questão vai complementando as outras com iluminadoras conclusões.

Sua escrita teórico-conceitual reflete as mudanças do eixo de gravitação do século XX e seus resultados na América Latina quando, por exemplo, ele discute o deslocamento do centro da cultura de base eurocêntrica e as fecundas ingerências das periferias numa construção dialética, transgressora dos antigos binarismos. Proclama que, "com o advento da *episteme* moderna", instaurou-se "uma reciprocidade cultural, uma interação plural (...) a partir do contacto com outras culturas", em consonância com o pensamento de Edward Said, Homi Bhabha e outros pensadores da ágora intelectual de nosso agora. No âmago desse horizonte atualíssimo, o pensador brasileiro pontua antigas diferenças em contraponto às multiplicidades dos enfoques presentes, oferecendo um mapa teórico de consistente saber não só cultural quanto literário.

A seguir, surgem mais dois estudos necessários para os estudiosos: "Criação e crítica: reflexões sobre o papel do crítico literário" e "Literatura Comparada e tradução no Brasil". Ambos, territórios movediços, de reinvenções do novo, objeto de controvérsias, de avanços e de retrocessos. O primeiro texto inicia-se com Barthes. Parte da *Leçon*, a aula inaugural do mestre no Collège de France, e Coutinho compara a performance artística e criadora do semiólogo no jogo dos signos à do crítico literário no desempenho das específicas funções. Elaboro um retrospecto dos vários sentidos das fases da crítica desde Platão e Aristóteles e sublinha as correntes por eles inspiradas até o presente. Passeia por diversos momentos histórico-culturais, alude a Horácio, a Boileau, a Croce e a tantos mais. No extenso painel do discurso crítico, retorna, por fim, a Barthes e conclui que hoje o autêntico teórico compartilha da grandeza do produto

analisado: "Não é um simples intérprete, mas um recriador, um 'leitor cúmplice' como diria Julio Cortázar (...) uma espécie de 'co-autor' da obra (CORTÁZAR, 1970)".

O ensaio seguinte focaliza outro motivo de atualidade: a tradução, não mais vista como algo menor, inferior ao original, área antes à parte dos estudos comparativistas. Nas amistosas associações modernas com a Literatura Comparada, ela, a tradução, cada vez mais se agiganta, sendo o artífice-tradutor também um coautor criativo. Prosseguindo a sequência, tem-se "O comparatismo nas fronteiras do conhecimento: contradições e conflitos". Mais uma vez o título é aliciador. Imerge neste espaço "meio indefinido", "esgarçado", móvel, da anterior noção negativa de fronteiras com suas contraditórias implicações no processo literário. A fronteira, agora considerada "o espaço do diálogo, da troca e de um possível entendimento", tornou-se, de fato, o "local de um enriquecimento gerado pela própria diferença entre os elementos que se enfrentam". O capítulo é enriquecedor, aliás, na mesma dimensão e ritmo dos demais, perscrutando tendências e lecionando caminhos.

Fecha-se a coletânea em tom maior com a panorâmica histórico-literária de "Velhas dicotomias que se enlaçam: voz/letra, público/privado no universo latino-americano". Jogando abaixo antigas ambivalências opositivas – doravante unidas em fraternais abraços –, retorna à cena textual o *leitmotiv* das literaturas da Latina América em compasso com fundamentos socioculturais andinos. Completa-se assim o círculo dos temas que, vêm e vão desdobrantes, para configurarem o grande painel da Literatura Comparada de hoje. Mergulhando no passado, o autor caminha em companhia da escrita de Antonio Corneja em busca das fontes originárias dos substratos míticos do povo inca. Vai à *arkhé*, à arqueologia dos fatos arcaicos daquela cultura, aos arcanos do ser mais primitivo do literário local, para apreender nas águas da fonte a história da conquista, quando a voz da oralidade, por tanto tempo sufocada, criativamente se transformou em letra, sacralizada pelo diálogo com o poder de além-mar.

Ao penetrar nos fossos da dominação à luz dos teóricos e escritores do continente, este texto é uma aula da Nova História aliada a fatores geográficos, etnolinguísticos, sociais, econômicos e a correntes da Desconstrução, dos Estudos Culturais e Pós-coloniais. Coutinho analisa, em profundidade, também a formação e a importância das cidades latino-americanas da época colonial e as relações de autoridade e consolidação de "uma espécie de diglossia": de um lado, a língua pública, normativa do dominador; de outro, a língua privada da fala coloquial. Porém, ao romperem-se as dicotomias, foram ocorrendo criativas interferências entre as esferas pública e particular, atestadas pelas literaturas de vários países. Desmantelou-se a hegemonia do cânone. Instaurou-se a dicção artística renovadora, fruto do intercâmbio do processo *in fieri*, isto é, fazendo-se em contínua construção com a alteridade.

Ao enfatizar a relevância do ato escritural, este ensaio, após incontáveis exemplos nacionais e estrangeiros, termina poético, demonstrando que, embora neste "tecido

dramático de contradições, marcado por sangrenta injustiça", "ainda se vislumbram laivos de uma utopia esmaecida". Nesses escritos de ponderações e descobertas, parto de ideias, Eduardo F. Coutinho com rara mestria partilha também da movência histórica e das tensões, que, ao mesmo tempo, se opõem e se imbricam na Literatura Comparada. Tanto ele transita pelo ser essencial do literário quanto lança olhares para pensamentos incipientes que amanhecem para as claridades do novo.